



Nelson Rodrigues

Eu só outro dia reparei que estava a cometer uma grande injustiça: **um dos escritores que mais admiro** e que melhor tratou a língua portuguesa é o meu saudoso Nelson Rodrigues e eu nunca tinha falado dele.

A princípio, a minha relação com ele não foi clara. Eu, na minha juventude, tinha duas referências insubstituíveis no Brasil: uma era Dom Hélder Câmara e a outra era o Dr. Alceu Amoroso Lima. Eram os então chamados católicos de esquerda. Pois o **Nelson não escrevia crónica sem atacar um deles ou os dois** e aquilo dava-me uma certa dificuldade em ter com ele um relacionamento simpático. O Odylo Costa Filho uma vez queria que fôssemos almoçar mas eu não tive coragem. Mas acontecia uma coisa estranha: eu não estava de acordo com as crónicas **mas não podia parar de lê-las**.

Tudo isto passou e, quando dirigi um jornal em Lisboa, quis que ele me deixasse repetir as suas crónicas. Pedi ao Otto Fava Resende, seu grande amigo e meu, e passados poucos dias tinha uma carta do Nelson: “Otto me contou sua história e sua lenda...” Dizia-me para eu publicar as crónicas, que tinha muita honra nisso e não me levou nada pela publicação. Infelizmente as crónicas não tiveram o eco que esperava mas, de qualquer modo, fiquei orgulhoso de ter dado a conhecer este escritor em Portugal. De resto, que eu saiba, **são poucos os fãs do Nelson por aqui**. Que eu saiba é o Alfredo Barroso, é a Vera Roquette e é uma menina que me ofereceu um dos seus livros, *A menina sem estrela*.

O Nelson pôs-me em evidência que a escrita em si é uma arte e que pouco tem a ver com aquilo que se escreve.

Também me parece importante assinalar que a publicação da obra do Nelson se deve ao trabalho de Ruy Castro que investigou e ordenou toda a sua obra, grande parte da qual estava dispersa em crónicas de vários jornais, e que a Companhia das Letras editou.

Eu não resisto a transcrever uma apreciação de Gilberto Freire que, para quem queira saber, foi um dos mais inteligentes e profundos pensadores sobre a natureza da sociedade brasileira e todo o mundo lusófono.

Dizia ele: “**Nelson Rodrigues avulta na literatura actual do Brasil** como o nosso maior teatrólogo. O maior de hoje e o maior de todos os tempos.

Mas ele é também o mais incisivamente escritor, sem deixar de ser vibrantemente jornalístico, dos cronistas brasileiros de hoje.

O maior dos jornalistas literários – potencialmente literários – que tem tido o Brasil.

Neste sector é o equivalente ao que foi e é – quem o superou? – Eça de Queiroz na literatura portuguesa.

Apenas com esta diferença: **no brasileiro há um vigor de expressão maior** do que em Eça – até hoje inatingível na graça artística que soube dar ao seu jornalismo literário.

Por jornalismo literário não se deve entender o jornalismo que se ocupe de assuntos literários e sim o que se caracteriza pela potência literária do jornalista escritor. Uma característica relativamente fácil de ser captada, contando que se dê tempo ao tempo.

O escritor-jornalista é o que sobrevive ao jornal, ao momento jornalístico, ao tempo jornalístico.

Pode resistir à tremenda prova de passar do jornal ao livro.

Em Nelson Rodrigues, como em Eça de Queiroz, o escritor vence o tempo como escritor, embora servindo-se do jornal, da correspondência para o jornal, do comentário ao acontecimento do dia. Nelson Rodrigues é, dos dois, o mais vigoroso nessa expressão literária: a transferência de jornal para livro. Ele é lido em livro, tão forte de virtude literária quanto lido em jornal. Repete Eça neste particular com maior vigor do que Eça.”

Eu tenho mais uma história do Nelson.

Faltava-me um livro dele, *A Cabra Vádia*, que estava esgotadíssimo. Uma vez que estava no Rio, resolvi pedir ao Nelson se tinha por lá algum exemplar. Tinha. A capa estava rasgada mas o texto estava completo e legível. Ele então pôs-lhe a seguinte dedicatória: “Para o António Alçada Baptista, **meu irmão íntimo**, do Nelson Rodrigues.”

O livro andou lá por casa até porque tenho todos os seus livros à mão. Um dia reparo que a folha da dedicatória tinha sido arrancada, quero dizer, “foi-me roubada”. ●

“Nelson Rodrigues avulta na literatura actual do Brasil como o nosso maior teatrólogo. O maior de hoje e o maior de todos os tempos. Mas ele é também o mais incisivamente escritor, sem deixar de ser vibrantemente jornalístico, dos cronistas brasileiros de hoje.”